

EXCLUSIVO CULTURA CIENTÍFICA

Coimbra é o palco do teatro sobre ciência: “Para emocionar ou informar o público”

A cidade portuguesa volta a servir de pouso ao colóquio internacional sobre teatro e ciência, organizado pela companhia Marionet. Até sábado, há espectáculos (e ciência) pela cidade de Coimbra.

Tiago Ramalho

22 de Outubro de 2025, 7:46

 Oferecer artigo 6

Mário Montenegro, investigador e director artístico da Marionet ADRIANO MIRANDA



Ouça este artigo

00:00

06:52

Há uma estranha distância entre a ciência e as artes – como se as artes resistissem a trabalhar sobre ciência, e vice-versa. Seja no cinema, nas artes plásticas, na música ou mesmo na literatura, as personagens científicas não abundam ou vestem-se recorrentemente de lugares-comuns (por exemplo, o cientista louco). No teatro, não é diferente. A Marionet, companhia de teatro em Coimbra, é caso único no país no cruzamento regular entre a arte do palco e a ciência. Para não se sentir isolada, procurou amigos: e assim transformou Coimbra no palco do teatro sobre ciência, cidade onde, este

MAIS POPULARES



Entre o copo e o cancro: o vinho português sob o olhar do bom senso - Opinião de Cláudio Martins



IMIGRAÇÃO
AIMA dá título de residência a

ano, há mais uma edição do colóquio internacional Theatre About Science – um evento cada vez mais perto de ser um festival.

O colóquio nasce precisamente para perceber onde se situava a companhia de teatro portuguesa, explica Mário Montenegro, fundador e director artístico da **Marionet**. Que lugar é esse? Um espaço de excepção no contexto nacional, mas de convergência para o melhor que se faz em todo o mundo. Afinal, apesar de Estados Unidos e Reino Unido terem alguma tradição, o teatro sobre ciência não abunda. Mais: os pontos de encontro entre companhias, cientistas e comunicadores eram marcados de longe a longe.

Agora, à terceira edição do Theatre About Science – que começou em 2021 e é bienal –, Coimbra é um destino de quase peregrinação para descobrir projectos que cruzam o teatro e a ciência, mas também de como os tornar importantes para a comunidade. Mais de 150 participantes, meia dúzia de peças de teatro pela cidade e experiências de representação sobre matemática, medicina ou até mecânica quântica constroem o programa de uma festa que começa esta quarta-feira no centro do país e dura até sábado.



Grande parte do nosso trabalho são criações de raiz a partir de temas de investigação dos centros da Universidade de Coimbra

Mário Montenegro

“Desde a primeira edição que teve uma grande reacção e isso foi uma surpresa para nós”, conta Mário Montenegro. “Foi muito importante. Percebemos que não estávamos sozinhos no mundo e havia outras pessoas a trabalhar em temas semelhantes.”

A distância entre a ciência e as artes ainda se nota por uma certa ausência destes espectáculos da programação habitual ou das agendas das companhias de teatro. Não é, no entanto, um cenário tão dantesco como seria há 50 anos. Desde o final do século XX que há um aumento dos textos dramáticos que tratam **temas científicos**, indica o director artístico da Marionet, cuja tese de doutoramento versou sobre os textos para teatro com ciência. Porquê?

“Por um lado, a importância cada vez maior que a investigação científica tem na sociedade. E, por outro lado, uma necessidade dos centros de investigação e da própria ciência em se aproximar das pessoas”, responde **Mário Montenegro**. Surgem peças como *Copenhagen* (de Michael Frayn), *Oxigénio* ou *A Imaculada Conceção* (de **Carl Djerassi**) que são sucessos artísticos e um fogacho de atenção para o teatro sobre ciência. O caminho, porém, ainda é longo e o facto de a Marionet se manter como caso único em Portugal ajuda a explicar isso.

Uma outra forma de conhecer

Como a ciência se ramifica em toda a sociedade, o teatro sobre ciência também o faz. A Marionet, por exemplo, já estreou peças sobre epilepsia, a tabela periódica ou clássicos como *O Virtuoso*, de Thomas Shadwell – a primeira peça em que o protagonista é um cientista, escrita em 1676. Não começou assim. A ciência entrou na companhia conimbricense por “acidente”. A primeira peça que levaram a palco foi *A Revolução dos Corpos Celestes*, em 2001, numa busca mais filosófica sobre o fim dos humanos como centro do universo (em favor do Sol), mas com a cosmologia como pano de fundo.



TEATRO

A revolução da Marionet faz-se na fronteira entre o teatro e a ciência

Companhia de Coimbra regressa à sua primeira peça ligada à ciência, *A Revolução dos Corpos Celestes*, para assinalar os 20 anos.

LER MAIS



empresária indiana e, depois, manda ela sair do país



Até sempre amigo Carlos Cabral - Opinião de Paulo Amorim

RELAXAR >



EXCLUSIVO

Onde anda o Téchiné de outrora? Não em *Os Novos Vizinhos*



Quarta na TV: o arranque de *O Poder da Justiça*, o fim das sombras e Brent Renaud



O que fazer? Quarta é dia de andar por cemitérios e Escritaria

“A recepção do público foi muito boa e foi sobretudo uma recepção com várias manifestações de pessoas que diziam que eram temas que não costumavam ser tratados em **teatro** e que eram muito interessantes e que faziam falta”, recorda Mário Montenegro. Não se tornou imediatamente uma companhia distinguida pela sua ligação à ciência. mas

à medida que o tempo passou essa relação adensou-se. “Hoje, praticamente tudo o que fazemos é neste cruzamento [entre teatro e ciência].”

Mário Montenegro admite que há outras componentes importantes neste tipo de teatro: procura-se escrever e representar “para emocionar ou informar o público”. Quando se fala de saúde, pode haver uma intenção de sensibilizar, reduzir estigma ou até intervir. Há também o intuito de contribuir para a cultura científica: dar a conhecer, informar ou discutir a ciência em palco. Os estudos que têm sido conduzidos pelos investigadores na Universidade de Coimbra, entre os quais Mário Montenegro, mas também fora de Portugal mostram que o teatro pode ser um veículo para transmitir conhecimento científico.

P PÚBLICO DANIEL LEITÃO



Teatro e Ciência, com Mário Montenegro

O nosso convidado é o actor, encenador e dramaturgo Mário Montenegro, que se tem dedicado ao teatro sobre temas científicos.

[Read the article on publico.pt >](#)

powered by embedly

Por exemplo, muitas peças recebem comentários positivos, reacções de surpresa da audiência e uma percepção de que contribuem para a aprendizagem científica, demonstrando que há um caminho a percorrer na comunicação de ciência através do teatro. No entanto, os estudos publicados também indicam que muitas vezes a audiência é maioritariamente académica e faltam mais trabalhos que investiguem essa relação entre a peça de teatro e a aquisição de conhecimento.

À procura de uma casa

Além da Marionet, outras companhias de teatro foram, esporadicamente, explorando este género de representação centrada em ciência. Por exemplo, o Teatro Aberto levou *Copenhagen* ou *Heisenberg* a cena e o Teatro Extremo trouxe a palco uma peça sobre a vida de Marie Curie. Mas a continuada busca para levar a **ciência a palco** resume-se para já à companhia de Coimbra, também fruto da relação muito próxima com os centros de investigação da universidade local. Aliás, além da Marionet, a organização do Theatre About Science conta com o apoio de sete centros e faculdades da Universidade de Coimbra, além do Teatro Académico de Gil Vicente.

“Grande parte do nosso trabalho são criações de raiz a partir de temas de investigação dos centros da Universidade de Coimbra”, diz Mário Montenegro.

Embora admita que “fazer teatro em Portugal, em geral, não é fácil”, a principal queixa do director artístico da Marionet não é o financiamento, mas a falta de casa. “Neste momento, para a companhia, a grande dificuldade é não ter um espaço próprio para, de alguma forma, rentabilizar tudo aquilo que produzimos”, aponta, mencionando uma luta com duas décadas. Essa falta de casa dificulta os ensaios, a marcação de peças ou a existência de temporadas mais longas dos espectáculos. Para já, a casa é um pouco por toda a cidade. Como o será, nos próximos dias, para dezenas de peças e *performances* artísticas – sempre com a ciência metida no meio do guião.

Nos quatro dias do *Theatre About Science* o teatro sobre ciência invade as salas de espectáculo da cidade, com a representação de vários textos e algumas performances a acontecer durante o colóquio. Os espectáculos estrangeiros terão legendagem simultânea.

No dia 22 de Outubro, será exibido *A Picture of Health*, filme da companhia britânica Theatre of Debate sobre o sucesso dos programas de vacinação na Índia, na Casa das Caldeiras às 21h.

No dia seguinte, a Marionet repõe o espectáculo *O Virtuoso*, uma sátira e a primeira peça em que há um cientista como protagonista – será no Convento de São Francisco às 21h.

Na sexta-feira, 24 de Outubro, há teatro internacional em dose dupla. Pelas 17h30, a peça *Synchronicity*, de Arthur I. Miller, entra no Teatro Paulo Quintela, dando espaço a uma aclamada obra sobre os anos de convivência entre o físico Wolfgang Pauli e o psicólogo Carl Jung – uma relação profissional, científica e pessoal que contribui para a investigação científica de ambos. À noite, pelas 21h, *The Axiom of Choice*, de Marcus du Sautoy, sobe ao Teatro Académico de Gil Vicente, trazendo a matemática incorporada no guião.

Por fim, no sábado, Belén Pasqualini apresenta *Christiane*, um bio-musical científico no Teatro Paulo Quintela às 21h, uma homenagem da autora à sua avó, Christiane Dosne Pasqualini, importante investigadora no campo da leucemia. Durante todos os dias estará ainda disponível a instalação artística *Quarto Escuro de Goethe* de Eunice Gonçalves Duarte, visitável entre as 17h e as 20h no Teatro Académico de Gil Vicente.

O programa completo pode ser consultado no [site do Theatre About Science](#).

 Oferecer artigo 6

tiago.ramalho@publico.pt

Sugerir correcção

TÓPICOS

Ciência Cultura científica Teatro Divulgação científica Artes

 Torne-se perito

Universidade de Coimbra Investigação científica

Comentar

LER MAIS



EXCLUSIVO ARTES

Entre o atelier e as exposições de Nuno Sousa Vieira, somos corpos em movimento



NEUROCIÊNCIAS

“Quando me perguntam qual é o maior cientista de sempre, respondo: na minha área, é Shakespeare”



FUNDAÇÃO DEDICADA À OBRA DO PINTOR SERÁ INAUGURADA EM 2010

Entrevista a Nadir Afonso: “Se tiver um metro quadrado de espaço para trabalhar sou tão feliz como numa grande cidade”

Os leitores são a força e a vida do jornal Obrigado pelo seu apoio

O contributo do PÚBLICO para a vida democrática e cívica do país reside na força da relação com os seus leitores. Quanto maior for o apoio dos leitores, maior será a nossa legitimidade e a relevância do nosso jornalismo. Apoiar o PÚBLICO é também um acto cívico, um sinal de empenho na defesa de uma sociedade aberta, baseada na lei e na razão em favor de todos ou, por outras palavras, na recusa do populismo e da manipulação para privilégio de alguns.

Obrigado por ser nosso assinante. Convidamo-lo a conhecer melhor o Público exclusivo e as vantagens que tem por pertencer à comunidade.

Saiba mais

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER PÉS NA TERRA

QUINZENALMENTE, ÀS QUARTAS

Um olhar quinzenal sobre o ambiente, alterações climáticas e sobre o nosso lugar no planeta.

Subscrever

☐ Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATÓRIO

EM DESTAQUE



EXCLUSIVO POLITICA

Lei da nacionalidade negociada até à última hora

Filipe Santa-Bárbara, Maria Lopes



AZUL

Nas áreas marinhas protegidas, “não temos monitorização praticamente em lado nenhum”

João Spencer



AZUL

Covilhã é palco para reflexão sobre o decrescimento neste fim-de-semana

João Spencer



Ver mais

PUB

OPINIÃO



Pisar gelo fino na saúde

Marta Moitinho Oliveira



Crise da habitação na UE: por uma solução europeia, em defesa da nossa democracia

Dan Jørgensen



Que Presidente da República para Portugal?

Pedro Adão e Silva



Resmungar é preguiça

Miguel Esteves Cardoso